



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ROSIMERE OLIVEIRA DA COSTA

O TEMPO ENVELHECE DEPRESSA: LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA

CAMPINA GRANDE-PB

2016

ROSIMERE OLIVEIRA DA COSTA

O TEMPO ENVELHECE DEPRESSA: LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA

Artigo acadêmico apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a obtenção do título de graduada em História.

ORIENTADOR: Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C837t Costa, Rosimere Oliveira da
O tempo envelhece depressa [manuscrito] : literatura e ensino de história / Rosimere Oliveira da Costa. - 2016.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. José Adilson Filho, Departamento de História".

1. Ensino de história. 2. Literatura. 3. Interdisciplinaridade.
I. Título.

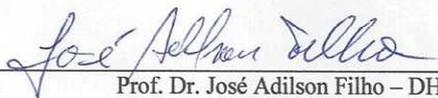
21. ed. CDD 372.89

ROSIMERE OLIVEIRA COSTA

**O TEMPO ENVELHECE DEPRESSA: LITERATURA E ENSINO DE
HISTÓRIA**

Artigo acadêmico apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Professor de História.

Aprovada em 18/05/16.



Prof. Dr. José Adilson Filho – DH/UEPB
Orientador



Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – DH/UEPB
Examinadora



Profa. Dra. Ofélia Maria Barros – DH/UEPB
Examinadora

O TEMPO ENVELHECE DEPRESSA: LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA

Rosimere Oliveira da Costa¹
Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

O artigo em questão é um estudo acerca da utilização da literatura no ensino de história. Para tanto, baseia-se na obra literária *O Tempo envelhece depressa*, do escritor italiano Antonio Tabucchi. A proposta é compreender que o ensino de história pode ser dinâmico e reflexivo quando dialoga com a literatura. O artigo tem como objetivo geral mostrar as contribuições que esta obra literária oferece para o ensino de história e para a compreensão de mundo dos alunos. Nesta pesquisa, foram trabalhados conceitos como tempo, memória e velhice. A partir de autores como Halbwachs (2003) e Simson (2000), foi possível discutir o que é a memória e os dilemas que ela enfrenta na atualidade. Barros (2011), Reis (1994) e Beauvoir (1990) trouxeram compreensões a respeito da complexa noção do tempo e da velhice, contribuindo, assim, para tornar a discussão destes conceitos possível nas aulas de história, quer sejam do ensino fundamental, quer sejam do ensino médio. A pesquisa foi desenvolvida por meio da leitura de autores literários, historiadores, sociólogos e educadores. Dessa forma, trata-se de um artigo inteiramente bibliográfico, que analisa os conflitos entre história e literatura no campo historiográfico. Além disso, oferece noções de tempo, memória e velhice tendo como suporte a obra *O Tempo envelhece depressa*, bem como apresenta o ensino de história e suas novas fontes e metodologias, entre as quais se destaca o fazer literário.

Palavras-chaves: Ensino de história. Literatura. Interdisciplinaridade.

1. INTRODUÇÃO

O tema *O Tempo Envelhece Depressa: Literatura e Ensino de história* nos leva a pensar a relação que pode ser estabelecida entre a literatura e o ensino de história, tendo como análise a obra *O tempo envelhece depressa* do escritor italiano Antonio Tabucchi. Propomos discutir a relevância que este livro proporciona aos docentes de história, servindo-lhes como material didático em discussões que envolvam os conceitos de história, memória, tempo e velhice.

Pensando desta forma, chegamos a seguinte problemática: De que maneira é possível trabalhar com obras literárias no ensino de história, tendo como referência o livro *O Tempo envelhece depressa*?

¹ Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: <roserosecosta@yahoo.com>.

A fim de responder este problema, estabelecemos alguns objetivos. O objetivo geral implica mostrar as contribuições que este livro oferece para o ensino de história e para a compreensão de mundo dos alunos. Os objetivos específicos são: traçar um breve panorama histórico apresentando o lugar que a literatura ocupou no campo historiográfico desde a Antiguidade até os dias atuais; estabelecer diálogos entre o livro literário *O Tempo envelhece depressa* e os conceitos de memória, tempo e velhice.

A escolha deste tema surgiu a partir do apreço para com as discussões voltadas a temática da memória e do ensino de história. Ao longo da graduação, passamos a ter contato com os principais autores que discutem a construção da memória e como esta pode se relacionar com a história, o que gerou motivações para trabalhar com esta questão nas salas de aula. Pensando assim, encontramos na literatura de Antonio Tabucchi um suporte pedagógico para a realização deste projeto.

O presente artigo constitui-se relevante para a área acadêmica, sobretudo, para o curso de Licenciatura Plena em História, por oferecer aos profissionais da área possibilidades de articular literatura e ensino de história. Tornando viáveis discussões como memória, tempo e velhice de forma didática e reflexiva.

A pesquisa está voltada para a dimensão da nova história cultural, haja vista, que discute a relação possível entre história e literatura na contemporaneidade. As obras literárias podem ser objetos de estudos e fontes históricas. A escolha de uma obra literária como a de Antonio Tabucchi para uma pesquisa historiográfica é resultado da emergência da história cultural.

Os conceitos que discutimos são memória, tempo e velhice. Para isso, foram selecionados autores como Halbwachs (2003), Simson (2000), Barros (2011), Reis (1994), Beauvoir (1990), entre outros. As discussões destes pesquisadores enriqueceram tal pesquisa, pois tornaram plausíveis o nosso entendimento concernente a complexidade desses conceitos, mostrando que debates assim podem ser viáveis nas aulas de história do ensino fundamental e médio.

O artigo está enquadrado, metodologicamente, numa pesquisa bibliográfica e documental. Recorremos a leitura de bibliografias que possibilitassem a discussão a respeito do tema escolhido. O livro de Antonio Tabucchi foi tomado por nós, como objeto dessa pesquisa. A partir daí, tivemos condições de investigar as contribuições e efeitos que textos literários despertam nas aulas de história.

O trabalho está dividido em três partes. A primeira intitulada *Diálogos entre História e Literatura no campo historiográfico* aborda os diferentes momentos percorridos pela história e como esta dialogou com a literatura. A segunda *O Tempo Envelhece Depressa* apresenta uma análise teórica da obra de Antonio Tabucchi, além de proporcionar discussões em torno dos conceitos de memória, tempo e velhice. E a terceira *O Ensino de história e sua perspectiva interdisciplinar* oferece aos profissionais de história, a partir do livro em questão, a possibilidade de discutir obras literárias na sala de aula. Tendo em vista, a necessidade de mudanças metodológicas no ensinar da história.

2. DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA NO CAMPO HISTORIOGRÁFICO

Neste item, iremos abordar os percursos traçados pela historiografia, e em que momentos ela dialogou com a literatura, a fim de entendermos a complexa relação que há entre ambas.

O Antigo Regime de historicidade que perdurou até o século XIX teve início em Grécia e Roma. Neste momento inicial da historiografia, os historiadores preocupavam-se com a narrativa, pois dela dependia o sucesso do texto. Os textos historiográficos eram redigidos com o objetivo de serem lidos em público. Então, assim como a política - atividade aristocrática dos homens livres -, a historiografia “era vista como dependente da capacidade oratória, do conhecimento das regras e técnicas da retórica por parte de quem a escrevia” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p.227).

Diferentemente dos romanos, os gregos nunca definiram a história como um gênero retórico-poético, mas nomearam-na como pertencente ao “gênero epidítico”, distinguindo-se dos gêneros judicial e deliberativo, isso por causa de sua postura diante dos discursos e pronunciamentos. A questão não era se oferecia a verdade dos acontecimentos, ou se durante a encenação apresentava julgamentos de valor, mas destacava-se por seu caráter demonstrativo diante do auditório, convencendo-o da veracidade de sua versão dos eventos.

Os historiadores da Antiguidade estavam preocupados com a retórica, que como diria Aristóteles (2005), é a arte do bem dizer para alcançar o convencimento. Por isso, falavam dos acontecimentos como se tivessem testemunhado-os ou como se tivessem recolhidas as versões entre seus participantes diretos.

Isso tanto agradava sociedades em que os embates políticos e jurídicos ocupavam grande parte do tempo daqueles considerados cidadãos, quanto permitia que o evento passado que se contava se presentificasse, se apresentasse novamente diante do auditório, como se estivesse ocorrendo e sendo decidido naquele momento. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p.228).

Desta forma, havia uma combinação entre história e literatura na maneira de apresentar os fatos, a fim de torná-lo menos monótono, dando-lhe movimento. A retórica poética tornava o texto mais literário que histórico. Os discursos e pronunciamentos não apareciam no texto como prova de veracidade, tampouco como argumento de autoridade. Não figuravam para reiterar uma ideia. Mas, eram eles mesmos, parte da urdidura do próprio texto, favorecendo a persuasão de quem ouve ou lê o relato.

No século XIX, o historiador francês Michelet passou a escrever a História, de maneira diferente daquela que caracterizava os historiadores liberais de sua época. Ele afirmou que a nobre plêiade histórica francesa das décadas de 1820-1830 não fazia de maneira alguma história, mas escreviam anais (BOURDÉ e MARTIN, 1983). Michelet lançou-se numa obra literária com tonalidades proféticas. Temos como exemplo, as seguintes obras, *A Mulher* (1859), *A Feiticeira* (1864), e *A Bíblia da humanidade* (1864).

Esse historiador escrevia uma História romântica, que não estava ausente de paixões e fúrias. Buscava ressuscitar os mortos, dando-lhes vozes. Este ressuscitar, segundo Michelet, consistia em olhar para as fontes primitivas que estavam a tanto tempo nas galerias, nos acervos históricos da França, de maneira diferente. Percebendo, além do aspecto político – tema discutido constantemente pelos historiadores liberais - a diversidade de temas que também poderiam explicar a realidade. A proposta de Michelet seria uma *história total*, onde a política, a moda, a alimentação, a economia e outros temas poderiam se autoexplicar. Escrever a história para este historiador seria mais que integrar todos os assuntos possíveis, tratava-se da apreensão de uma unidade viva.

Valendo-se de uma linguagem metafórica, Michelet no parágrafo 6 de seu *Prefácio à história de França* (1869), compreende a história da humanidade como um organismo vivo. Segundo ele, todos os órgãos atuam em conjunto e são solidários uns com os outros. Se, porventura, uma das funções de um órgão faltasse, nada mais viveria. Michelet quer nos fazer perceber que “para encontrar a

vida histórica, seria preciso segui-la pacientemente em todas as suas vias, todas as suas formas, todos os seus elementos” (Michelet apud BOURDÉ e MARTIN, 1983, p.93). A sua história, tem uma visão de conjunto.

Michelet defendia que na relação entre o historiador e sua obra, este não podia apagar-se, ou seja, manter-se neutro, ou ausente. Mas, que era necessária a presença direta do mesmo, juntamente com suas emoções e paixões desde o início ao final do trabalho. Somente assim, uma segunda visão do objeto seria atingida. Esta maneira de pensar e fazer o saber histórico desenvolvida por Michelet, ainda coloca em vigor uma forte relação entre história e literatura, na medida em que, a linguagem empregada na construção da história é metafórica, apaixonada.

Entretanto, a busca no século XIX, por tornar o fazer histórico em ciência, levou a uma ruptura entre os historiadores franceses, adeptos do Romantismo de Michelet, e os historiadores alemães, que encontravam na objetividade e neutralidade, subsídios para levar a História a categoria de saber científico. Sendo assim, tem-se início um novo regime na historiografia.

O Moderno regime de historicidade teve suas raízes na tradição clássica da historiografia, onde autores como Heródoto e Tucídides serviram de modelos para a escrita historiográfica que veio desembocar no século XIX. Neste momento, a historiografia deixara de ser vista como um gênero literário, “para apostar em sua constituição como um saber científico, regulado por regras e métodos estritos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p. 230).

Leopold von Ranke, considerado um dos fundadores da Escola Metódica alemã e do historicismo alemão se coloca na responsabilidade de transformar a História em ciência. E para isso, se baseou em alguns princípios de método, tais como: a ideia de que o historiador não é juiz do passado; não há interdependência entre o historiador e seu objeto; a história existe por si mesma, sendo objetiva e se oferece por meio de documentos; a tarefa do historiador consiste em reunir um número significativo de fatos; os fatos devem ser extraídos dos documentos, após uma crítica externa e interna, para serem postos numa ordem cronológica.

Dessa maneira, podemos afirmar que houve uma ruptura total entre a história e a literatura. No fazer historiográfico não havia espaço mais para a ficção, a imaginação e a poética, pois o fato havia se tornado o objeto por excelência do trabalho do historiador.

As fontes históricas, dentre elas os discursos e pronunciamentos de autoridades (reis, generais, senadores, personalidades políticas, embaixadores, intelectuais), deixam de ter a função de apresentar a história, de presentificá-la, e passam a ter a função de prova, passam a ser vistos, não como artefatos retóricos, mas como testemunhos verdadeiros sobre os eventos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p.231).

Todavia, esta corrente historiográfica denominada de Historicismo, será contestada por uma nova geração de intelectuais, que entenderá a historiografia moderna como falha e parcial, pois esta depende dos indícios, ou seja, dos fragmentos de documentos para ser escrita. Destacando, com isso, o caráter subjetivo da história. Paul Veyne (1983), na sua obra *Como se escreve a história* perceberá que o rigor científico na construção da narrativa histórica é uma estratégia para encobrir suas falhas e imperfeições.

Stone (1987), assim como Paul Veyne, reconhece a interferência da subjetividade do historiador no momento da escrita da história. O historiador faz um trabalho de reconstrução do passado com base nos documentos e testemunhos que passam de uma geração a outra. Esta reconstrução se dá no tempo do historiador, e dependerá das influências culturais do mesmo. Este pensamento característico do Novo Historicismo, vindo com a *École Annales Histoire*, aproxima história e literatura, mostrando que a figura do historiador não é de um cientista, mas de um narrador.

E é nesta perspectiva que a literatura será pensada como parte integrante da história, sendo em alguns casos, o contra-discurso da história oficial. A literatura não aparecerá mais como simples objeto estético passível de análises voltadas ao uso poético da palavra, mas será entendida como parte do processo. Isto quer dizer, criada em um momento histórico e em condições específicas que determinam o conteúdo da obra literária. Sendo assim, a literatura torna-se uma possibilidade de contar a história.

A partir da década de 1980, tendo em vista a ascensão da história cultural, os textos literários foram gradativamente sendo utilizados em pesquisas historiográficas, tanto no Brasil quanto no exterior. A história cultural, ao surgir, amplia as abordagens da história, trazendo a cena outros caminhos, outras visões a serem trabalhadas, buscando novas metodologias de pesquisa e se aproximando de outras áreas do conhecimento. Isso resultou na aproximação com outros documentos, a título de exemplo, os literários.

Com a Escola dos Annales, o olhar sobre os documentos adquiriu nova roupagem, tratando esses documentos como monumentos. Assim, devem-se pensar os documentos não só como vestígios do passado, mas também como representações da visão de mundo de seu autor. Estando cientes de que o documento/monumento é uma construção cognitiva e que pode muitas vezes ser intencional, capaz de perpetuar uma memória ou memórias selecionadas para permanecer na história.

Acerca dessa relação entre história e literatura, a professora Heloisa Jochims Reichel (1999) informa-nos que o conceito teórico que fundamenta tanto a construção literária quanto a construção historiográfica é o de representação, sendo evidente a ligação entre essas duas instâncias. E com base neste pensamento, afirma

[...] conhecer a realidade se constituía no objetivo da História e produzir ficção, no da literatura. Ambas se colocavam em campos opostos: a História era ciência, a literatura, arte. [...] A mediação entre conhecimento e realidade objetiva, realizada pelas representações, levou os historiadores a aceitar que a História se apresenta através de uma escritura que até há pouco era considerada como escrita de ficção, utilizando fórmulas, figuras e estruturas próprias da narração literária. Isto não permite concluir que, na produção historiográfica, tudo é representação, e que, por conseguinte, a História pode ser confundida com a Literatura (REICHEL, 1999, p. 57-58).

Reichel (1999) quer que compreendamos que, história e literatura não se confundem. E embora sejam campos distintos, com métodos próprios, ainda assim podem se fundir em algumas situações, se entrelaçam por conta da representação que uma e outra realizam.

O historiador Nicolau Sevcenko (1983) em seu texto *Literatura como missão* mostrou que o diálogo entre história e literatura é possível, podendo proporcionar viés inéditos ao historiador, por meio da compreensão não só dos fatos históricos, mas da própria mentalidade de uma determinada época. O texto literário, segundo Nóbrega (2004), constitui uma obra de arte. Sendo uma obra artística, o texto literário “[...] é fonte privilegiada para o historiador interessado em resgatar não as *verdades do acontecido*, e sim as *verdades do simbólico*, expressas no imaginário de uma época” (PESAVENTO, 2002, p. 57. Grifo do autor).

Nas duas últimas décadas do século XX, o imaginário ganhou espaço de reflexão, sendo ele mesmo fruto da emergência da história cultural. Apesar de

muitos historiadores se colocarem contrários ao seu uso, por afirmarem que coloca em risco a objetividade e cientificidade da história, ainda assim, refletir sobre o imaginário é importante para o historiador. Pois, a partir do imaginário – capacidade humana de representar o mundo – é possível aos historiadores terem acesso as crenças, mitos, valores, ideologias e conceitos que constroem identidades, hierarquizam relacionamentos e apontam para as semelhanças e diferenças no meio social.

Partindo da premissa acima, referente a relação da história com o imaginário, podemos destacar que ela também lida com a ficção, aproximando-se da literatura. Os historiadores tradicionais negam que haja ficção na história, haja vista seu estatuto de ciência. A afirmação de que a literatura só existe em função da ficção também é obra desses historiadores. Todavia, acreditamos que a história apresenta um grau de ficção e a literatura é portadora também de veracidades. Para Pesavento

[...] a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos. Ela é sempre uma explicação sobre o mundo, reescrita ao longo das gerações que elaboram novas indagações e elaboram novos projetos para o presente e para o futuro, pelo que reinventam continuamente o passado. (PESAVENTO, 2003, p.58-59).

Entendendo ser o historiador um narrador do passado e a história uma construção humana. A escrita da história, por sua vez, estará baseada nos vestígios do passado. As fontes, por si próprias já são lacunares, o que exigirá da parte dos historiadores um trabalho de reconstrução dos eventos a partir desses fragmentos. Para isso, o historiador utilizará de sua imaginação para preencher parte dessas lacunas. Fazendo uso, quer queira ou não, da ficção. Os trabalhos de literatura apresentam-nos veracidades. Pois a narrativa de um acontecimento, ainda que o mesmo seja ficção, estará enquadrada em um período histórico, refletindo anseios populares em sua construção. Há um contexto histórico por trás dessas narrativas. Nesta perspectiva afirmamos que tanto o historiador quanto o escritor desenvolvem o mesmo exercício: fazem história e literatura ao mesmo tempo.

3. O TEMPO ENVELHECE DEPRESSA

Neste momento da pesquisa, dedicamo-nos a uma análise crítica da obra *O Tempo Envelhece Depressa*, apresentando algumas considerações a respeito de seu escritor, o literário Antonio Tabucchi. Além disso, discutiremos os conceitos de memória, tempo e velhice, uma vez, que são essenciais para a compreensão da obra.

Antônio Tabucchi nasceu na cidade de Pisa, Itália, em 1943. Era filho de um comerciante de cavalos, estudou línguas e filosofia antes de viajar pela Europa. Na universidade de Sorbonne, Paris, descobriu uma coletânea de poemas de Fernando Pessoa, que havia sido traduzida para o francês, e desde então, passou a aprender a língua portuguesa, para com isso entender melhor o poeta. Tornando-se um dos maiores nomes da literatura europeia.

Tabucchi foi professor de Literatura portuguesa do Departamento de Português da Universidade de Pisa e um dos maiores especialistas da atualidade em Fernando Pessoa, sobre quem escreveu vários ensaios e cuja obra traduziu para o italiano. Foi também embaixador da cultura portuguesa na Itália e na França. Sua admiração por Pessoa o levou a escrever, inclusive, uma comédia teatral sobre o poeta.

Além disso, deixou-nos um legado de aproximadamente 25 livros traduzidos no mundo todo. Entre eles, destacamos *Afirma Pereira* (1994), *Noturno Indiano* (1984) e *Réquiem* (1992). A última obra de Tabucchi, intitulada *O Tempo Envelhece Depressa*, foi considerada, pela Revista francesa Lire, como o melhor livro de contos publicado na França em 2009. Ficou perceptível que em muitos momentos do livro o autor reporta-se a Itália, seja como nação de personagens, ou como demonstração de algo, acreditamos ser esse um referencial pelo fato do autor ser italiano. A obra consiste numa antologia de nove contos, onde apesar de serem independentes entre si, apresentam uma ligação irrevogável. Percebemos que as principais temáticas em torno dos contos são memória, tempo, velhice, passado e melancolia.

O primeiro conto, *O Círculo*, faz referência a uma mulher que participa de um encontro familiar em Genebra, quando elementos imprevistos da conversa acarretam uma espécie de suspensão mental, que a conduzirá às origens magrebina de seus antepassados. Repentinamente, depara-se com lugares que

nunca tinha visto diretamente, pois passou a infância nos Grands Boulevards de Paris, mas foi-lhe dirigida uma falsa recordação, ela vê a avó espremendo leite das tetas de uma cabra para uma bacia de zinco. Queremos destacar aqui, que esta vaga recordação que envolveu a personagem veio do acaso. Não era propriamente uma recordação de uma vivência, mas a recordação de uma história. Olhando para uma paisagem nas montanhas, lembra-se que em tempos passados fora muito feliz com seu marido, todavia, os sentimentos de angústia e decepção a confronta, pois durante 15 anos de casamento, não havia conseguido gerar um filho. De repente, aproxima-se dela, uma manada de cavalos. Os animais cercam-na e começam a girar, cada vez mais rápido em sua mente. E assim, a única coisa que consegue pensar a partir deste momento é que o horizonte é circular, o círculo desenhado pelos cavalos havia tornado o horizonte circular até o infinito. Temos nesse conto um efeito de ampliação metafísica, característico das ficções de Tabucchi. Além de compreendermos a impossibilidade de voltar atrás na estrada da vida e modificar situações.

No segundo conto, *Clof, clop, clofete, clopete*, Tabucchi narra o caso de um homem que se encontra num leito hospitalar, com todo o seu corpo dolorido, em função da coluna completamente torta, mas que em meio a essa situação desenvolve tanto uma relação interessante com a mulher do leito ao lado, quanto um desejo de relembrar a infância.

O terceiro conto, *Nuvens*, baseia-se no diálogo entre uma menina de 12 anos e um senhor muito doente, ambos de férias num hotel de praia qualquer. Mas algo eles tem em comum, são vítimas de “crises da idade evolutiva”. A conversa entre eles é genial, discutem desde a política à guerra. Ela acredita que ele tem muito a lhe dizer sobre a vida, e ele aprecia a companhia da menina que acabou o fascinando. O fato de o conto ter recebido esse título, deve-se a prática da nefelomania que perpassava o diálogo entre os personagens, haja vista, o senhor falar sobre a arte de predizer o futuro através das nuvens para a menina.

Os mortos à mesa é o quarto conto do livro, relata que um ex-espião responsável pela vigilância na década de 50 de Brecht – destacado dramaturgo alemão do século XX –, e membro da polícia política da antiga RDA, a Stasi, passeia em Berlim até confessar junto ao túmulo de Bertold Brecht, que espiou durante anos,

para depois ir comer um spaghetti com gambas, num “restaurante de classe”. E, acrescenta, “Na nossa época, não havia lugares assim, meu caro, murmurou para si mesmo, perdemos o melhor.” (TABUCCHI, 2010, p. 91).

No quinto conto, *Entre generais*, encontraremos o desabafo de um antigo resistente húngaro, Lászlo, que relembra a entrada dos tanques soviéticos na Hungria em 1956, e afirma que os melhores dias de sua vida, foram na velhice, e, sobretudo, em Moscovo, quando visitava um antigo inimigo.

O sexto conto, *Yo me enamoré del aire*, tem como protagonista um homem que passeia por um jardim botânico em busca por detalhes e pistas que o confirmem está no lugar certo. Ele tenta chegar a um passado já muito distante. E questiona a si mesmo “Por que veio aqui, disse a si mesmo, o que procura? Desapareceu tudo, evaporaram-se todos, pudera!” (TABUCCHI, 2010, p.111). Chegando ao terraço de onde podia observar toda a cidade, escuta uma voz cantante de mulher. Localizando que aquele som estava por trás do muro do jardim, a mulher não mais canta em seu imaginário e passa a tarefa de pendurar roupas no varal. Nesse momento, as lembranças do protagonista o levam ao tempo de infância. O final do conto apresenta uma conclusão confusa, onde acolhe uma noção de tempo que não retorna ao momento da evocação, ficando detido no conjunto da paisagem, da música, e do ambiente que envolve o protagonista.

O sétimo conto, *Festival*, baseia-se no diálogo entre um idoso e um homem interessado em suas recordações. O idoso recorda o tempo em que todos deveriam estar totalmente a favor do Estado. Ele havia sido advogado em Varsóvia e reivindicava perante o juiz o direito de pensar. A Polónia já tinha sido invadida pelos alemães nazistas e os julgamentos eram terríveis. Nesta conversa, lembra-se da presença de um cineasta em certa audiência. Ele apareceu no Tribunal a fim de produzir um documentário a respeito dos julgamentos que eram realizados naquela cidade. E o desenrolar da narrativa é encantadora.

No conto seguinte, *Bucareste não mudou nada*, Tabucchi apresenta a seus leitores um diálogo hiperbólico entre um filho e seu velho pai fugido à ditadura de Ceausescu. O homem idoso recusa-se de forma veemente a tomar a medicação para obter melhora em sua memória, pois considera que a memória deve seguir seu

curso. Se esse seguir implica estar entregue a demência, que assim seja. Afinal, afirma o protagonista,

“Sabe, meu filho, você tem vontade de contar suas lembranças para os outros, eles podem ouvir seu relato e talvez entendam tudo até nas mínimas nuances, porém aquela lembrança permanecerá sua e apenas sua, não se torna uma lembrança alheia porque você a contou aos outros, as lembranças se contam, mas não se transmitem.” (TABUCCHI, 2010, p. 134-135)

O conto que encerra esta obra, *Contratempo*, faz referência a certo homem que viajava a Grécia sem entender bem o que o levava até lá. No avião, começa uma viagem em sua própria memória e imaginação. Quando de repente se vê surpreso diante da “laje de pedra de uma casa de Hiroshima onde graças ao calor da explosão atômica o corpo de um homem tinha se liquefeito deixando impressa a própria sombra”. (TABUCCHI, 2010, p. 146).

Tabucchi, embora apresente um texto com caráter puramente narrativo, nos desperta para uma realidade presente em nosso cotidiano. Trata-se do enfrentamento constante entre o tempo e as marcas deixadas durante a sua passagem. As personagens do livro sofrem com a efemeridade da vida. Isso porque não é o tempo que envelhece depressa, mas somos nós mesmos, quem envelhecemos depressa. Restando-nos as lembranças que ainda podem ser apreendidas do passado.

Nessas narrativas não iremos encontrar vilões, tragédias, tampouco acontecimentos grandiosos, mas personagens que meditam acerca de um vizinho que as vezes se mostra tão perto e em outros momentos tão distante: o passado. São histórias que existiram na realidade antes da ficção, como menciona Tabucchi ao final do livro.

A obra em questão torna-se importante para o ensino de história, ao mostrar que o passado não se apresenta apenas em forma escrita, mas as lembranças/recordações carregam-no consigo. Ele é presente, porque se encontra em nossa memória. Assim, a memória constrói a história por meio de seus signos que são evocados no ato da reminiscência. Ao entender que o passado também é presente, o aluno amplia a sua noção de saber histórico.

O livro de Tabucchi, *O tempo envelhece depressa*, é uma coletânea de nove contos. Isso nos faz repensar o lugar que os contos ocupam nas salas de aula do ensino fundamental e médio. Eles são ferramentas tão valiosas e ao mesmo tempo levadas ao descaso por muitos profissionais de história. Através deles, o docente preocupar-se-á em analisar não a veracidade a respeito da origem da personagem, mas os traços que nesta obra nos remetem a certa temporalidade, as sensibilidades construídas, a memória social preservada ao longo do tempo, etc. Sendo estas as questões que interessam ao historiador. (CORTÁZAR, 1974)

Os contos são fictícios, haja vista, serem frutos da imaginação de seu autor. Sabendo disto, é necessário que eles sejam decodificados, ressignificados, e conseqüentemente, compreendidos pelo leitor, e isto só será possível com a presença de elementos reais. O conto é como uma fotografia, conforme menciona Cortázar (1974, p. 124), que comporta a arte de “recortar fragmento da realidade, fixando-lhe determinados limites, mas de tal modo que esse recorte atue como uma explosão que abre de par em par uma realidade muito mais ampla”.

Trabalhar com contos literários é uma tarefa difícil até mesmo para os próprios literários, pois não há uma definição adequada que os contemplem. Eles agregam vários elementos, como tons, gêneros e significados, mesmo sendo narrativas sintéticas. Mas o que importa para nós, historiadores, é que mesmo o conto sendo uma narrativa sintetizada, é capaz de transmitir uma temporalidade mais ampla. Vejamos os contos de *O Tempo envelhece depressa*! Embora, tenham sido publicados no século XXI, fazem referências a períodos e acontecimentos do século XX. Como a guerra do Kosovo, por exemplo, enfatizada no conto *Nuvens*. O senhor que conversa com a menina era um oficial italiano da ONU, que participou desta guerra e sofreu com as radiações do urânio empobrecido.

3.1 Reflexões sobre memória, tempo e velhice

A obra de Antonio Tabucchi, *O tempo envelhece depressa*, nos desperta para a análise de alguns conceitos que se mostram enfáticos nesta brilhante produção literária. Entre esses conceitos, o de memória chama-nos a atenção. Isso se deve ao fato de Tabucchi trazer em todas as narrativas a evocação do passado, sobretudo,

daquele distante dos protagonistas. Os personagens já idosos, em sua grande maioria, relembram acontecimentos da infância.

Mas, como podemos definir a memória? Halbwachs (2003), no início do século XX, afirmava que a memória é um fenômeno construído coletivamente e que está sujeito a transformações constantes. Defende a ideia de uma memória coletiva, e considera que as experiências do passado - resultado de interações sociais - são retidas pela capacidade humana de selecionar, guardar e transmitir conhecimentos anteriores. A capacidade de reter informações, experiências, emoções é algo característico apenas dos seres humanos. Os animais, por sua vez, apresentam uma memória frágil e de curta duração. Já o homem idoso, por exemplo, é capaz de lembrar-se de fatos que ocorreram há cinquenta anos.

A partir desta concepção de memória articulada com o social, Iuri Lotman², um eminente acadêmico semiótico e historiador cultural, que vivera por trás da Cortina de Ferro (sendo por isso suas obras pouco conhecidas entre nós),

já dizia que **cultura é memória**, pois é a cultura de uma sociedade que fornece os filtros através dos quais os indivíduos que nela vivem podem exercer o seu poder de seleção, realizando as escolhas que determinam aquilo que será descartado e aquilo que precisa ser guardado ou retido pela memória, porque, sendo operacional, poderá servir como experiência válida ou informação importante para decisões futuras. (SIMSON, 2000, p. 64-65. Grifo do autor)

Quando analisamos a narrativa histórica estruturalista, percebemos que a mesma trabalha com seres genéricos, isto é, o operário, a classe dominante, a burguesia. A literatura, por sua vez, partindo do conceito de representação constrói personagens com identidade, memória, emoções, como se eles fossem de carne e osso. Devido a isso, entendemos que as crônicas e os romances são, na realidade, formadores de uma memória social. Pois formam imagens dos acontecimentos, ajudando a criar e reproduzir interpretações.

A respeito dessa relação entre literatura e memória, queremos enfatizar que, os documentos literários se aproximam da história oral, isso porque, é possível que depoimentos e opiniões de grupos sociais sejam também apreendidos. A literatura

² Lotman (apud SIMSON, 2000), ao discutir o caráter sociocultural da memória humana.

vai se constituindo em referência para as ações do tempo presente. Vejamos o que pensa Georges Duby, a respeito das estruturas mentais e da sociedade.

Com efeito, para compreender a ordenação das sociedades humanas e para discernir as forças que as fazem evoluir, é importante dedicar igual atenção aos fenômenos mentais, cuja intervenção incontestável é tão determinante quanto a dos fenômenos econômicos e demográficos. Pois não é em função de sua condição verdadeira, mas da imagem que constroem e que nunca fornece o reflexo fiel, que os homens pautam sua conduta. Eles se esforçam para conciliá-la com modelos de comportamento que são produto de uma cultura e que mais ou menos se ajustam no decorrer da história às realidades sociais. (DUBY, 1995, p. 130-131)

Outro conceito que chama-nos a atenção está no próprio título da obra de Tabucchi: o tempo. Conceito este que ao longo da história fora intensamente discutido pelos mais variados intelectuais, e levando muitas sociedades desde a Antiguidade a encararem-no como terror, conforme nos apresenta José Carlos Reis (1994).

O tempo é um mistério! Santo Agostinho³ (354-430) ao ser desafiado a defini-lo, afirmou que o tempo é 'aquilo que se sabe, mas não se consegue dizer'. Ele é algo complexo, e se apresenta a nossa compreensão, não apenas como 'devir', isto é, como algo em constante movimento e que resultará em transformações, mas também como 'extensão', ou seja, como algo que permanece (BARROS, 2011). E é nesta perspectiva, que ao compararmos dois períodos históricos, perceberemos que o mais recente apresentará diferenças e continuidade com o período anterior.

Neste trabalho de pensar o tempo, algumas noções são importantes para melhor o compreendermos, entre elas, estão às noções de: temporalidade, duração, processo, evento, continuidade, ruptura. Quando falamos em 'temporalidade', entendemos que esta se refere mais intrinsecamente ao mundo humano. Daí os historiadores buscarem singularizar e partilhar o devir histórico. Unidades compreensíveis foram criadas, como Antiguidade, Idade Média, Modernidade e a contemporaneidade.

Outra noção é a de 'duração'. Conforme afirma Barros (2011) é um conceito criado por Henri Bergson e que logo seria apropriado pela historiografia moderna.

³ Agostinho (apud BARROS, 2011, p.8).

Duração refere-se ao ritmo, a velocidade com que as coisas acontecem no tempo. Sendo assim, ao se estudar um problema social, por exemplo, teremos uma pesquisa de longa ou curta duração. Tudo dependente do movimento do tempo. Compreendendo que a realidade social é bastante complexa e que por isso acaba envolvendo inúmeros 'processos', somos remetidos a percepções diferentes de durações.

Em seu texto, *Tempo e história: revisitando uma discussão conceitual*, Barros (2011) faz referência a dois tempos: um externo e outro interno. O tempo externo é aquele pregado pelos antigos filósofos gregos, que enxergavam o tempo apenas como exterior, como movimento dos astros, e que está fora do homem e do mundo humano, pois é um tempo físico. O segundo tempo foi mostrado por Santo Agostinho, quando destaca no livro XI de suas *Confissões*, que o Tempo Interno é aquele que provém da alma e estaria intrinsecamente ligado a experiência humana. Esse recebeu o nome de Tempo Filosófico.

Na obra de Tabucchi encontramos respaldo nos símbolos que emergem de cada conto para se pensar em ambos os tempos. O docente de história tem condições de mostrar para seu alunado através da leitura dos nove contos, que o tempo é tanto externo quanto interno na vida de todas as pessoas. Para muitos de nós, embora o tempo externo corra numa velocidade assustadora e deixe em nosso corpo as marcas de sua passagem, ainda permanecemos com todo o ânimo e coragem de uma criança.

A história, embora, preocupe-se e tenha como importante o tempo interno, jamais poderá deixar de lidar com o tempo externo, pois ela trabalha com datações, necessita situar os eventos, e para tanto, é necessário que se utilize do calendário, da contagem de gerações, etc.

REIS (1994) em sua obra, *Tempo, história e evasão*, mostra-nos como se deu a relação entre as sociedades e o tempo ao longo da história. E constata que "nenhuma sociedade humana conseguiu conviver em paz com este *não-ser* que praticamente as constitui. Como experiência vivida, o tempo é *terror* e o que sempre se quis foi esquecê-lo." (REIS, 1994, p. 142. Grifo do autor)

Na Antiguidade, os homens arcaicos tinham horror ao evento, ou seja, aquilo que era novo. Eles detestavam a mudança, e isso se tornou característico pela repetição ininterrupta de gestos inaugurais. O presente se unia ao passado de forma ininterrupta. Era um *presente intenso*, onde o agora do ritual era o agora da origem. Os gregos, por sua vez, buscavam constantemente o eterno, o transcendente. Viam os seus próprios corpos como ultrajes, sujeitos a morte, a doença e a todos os males. Por isso, buscavam caminhos que os conduzisse a uma vida futura.

Os cristãos, assim, como os judeus entendem a temporalidade como uma linha reta, o que passou jamais voltará. Os eventos descontínuos, os imprevistos da vida que vieram com o tempo, são entendidos como castigos divinos, mas que um dia terão fim, em uma eternidade futura. O que esperam os cristãos do medievo era justamente o final de todas as coisas, o tempo pertencia a Deus.

Posteriormente, no Renascimento, uma nova consciência sobre o tempo será construída. Passando a serem portadores de um *espírito capitalista*, dessa vez, os homens estarão fascinados e não temerosos com o mundo sublunar, com suas riquezas, glórias, prazeres, com seu efêmero presente. Os homens se libertaram do horror que os acompanhou por inúmeras gerações. Embora o terror que caracterizava o sentimento dessas sociedades tenha passado, ainda assim os homens sofrem com a efemeridade da vida, isto se justifica pela velocidade do tempo.

Retornando ao texto de Tabucchi, podemos considerar que a obra trata o tempo como algo fugidio, onde cada instante vai se tornando em passado, percebe-se então sua relação com a história do tempo presente. Por passar depressa, os acontecimentos automaticamente se constituem em passado, assim, o ontem já é história. Os historiadores do passado consideram história aquilo que ocorreu a centenas de anos atrás, por outro lado, o historiador do tempo presente acredita em um passado próximo, onde a história é pensada a partir de seu tempo e que vai buscar no passado (mesmo próximo) as interlocuções para a compreensão da realidade. Nesta perspectiva, o passado ora está perto, ora está longe. Tal como pensam os historiadores do tempo presente, assim o faz Tabucchi, ao falar de um passado presente.

Outra questão que merece destaque é o conceito de velhice abordado desde o título desta pesquisa e que ganha ênfase na obra de Tabucchi. Embora pesquisas recentes estejam sendo produzidas na atualidade, concernentes a velhice. Ainda assim, não existe uma vasta literatura sobre o tema, diferentemente da mulher, da criança, do adolescente. O nosso olhar sobre a velhice é preconceituoso. Acreditamos que a velhice não é para nós, apenas para o outro. Os adultos se comportam como se nunca fossem envelhecer. Simone de Beauvoir destacou em seu livro *A velhice* (1990), que é justamente na espécie humana, onde as marcas do tempo são mais espetaculares. A velhice chega quando menos esperamos, e o que será que aconteceu? Envelhecemos depressa! O tempo segue seu rumo e sentimos os efeitos em nossos corpos.

O idoso, incapaz de prover a si mesmo, é tratado como uma carga. Alguém inútil, desprezível, afinal, considera-se que já não pode fazer mais nada. Isso é consequência do mundo capitalista, que julga interessante o material humano que ainda pode ser produtivo. Quando este deixar de produzir, será descartado como um objeto sem valor. Resultando, em velhices desumanizadas.

Na Antiguidade, afirma Beauvoir (1990), os idosos eram tratados como seres superiores, aqueles que faziam a mediação entre o humano e o sobrenatural, eram respeitados e honrados. As tomadas de decisões dos mais jovens passavam por eles. Permaneceram nesta posição até o despontar de uma era voltada ao desenvolvimento industrial.

A Revolução industrial chegou, e com ela, a desvalorização do idoso. Não era interessante para os empresários empregar sujeitos que não apresentassem bons rendimentos nas indústrias. Buscava-se o lucro, e isso só seria possível com bastante produtividade. O capital passou a nortear as relações entre as pessoas. Assim, o idoso foi afastado dos grandes centros industriais e passou a viver de trabalhos tidos como sub-valorizados e com pouca remuneração. Legitimando, assim, o modelo capitalista de controle econômico.

O livro *O Tempo envelhece depressa* se constitui em referência para que discussões a respeito da velhice, do tempo e da memória sejam viáveis nas aulas de história. Entender o que é a velhice é uma alternativa para levar os alunos a pensar

no outro, no amanhã. E conseqüentemente os fará cidadãos mais atentos as desigualdades sociais que os cercam.

4. O ENSINO DE HISTÓRIA E SUA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Neste item, abordaremos de que maneira as novas perspectivas referentes a escrita da história, que marcam o século XX, influenciaram o ensino dessa disciplina. Ressaltando, também, o anseio das propostas curriculares em um ensino interdisciplinar que vise o processo de aprendizagem mútua dos conhecimentos. E, com base nesta interdisciplinaridade, perceberemos que o trabalho nas salas de aula de história pode dialogar com a literatura. Sendo ela mesma, recurso didático para a obtenção do saber histórico.

Desde a década de 1930, o campo da pesquisa historiográfica tem sofrido um processo de intensas críticas, sobretudo, a maneira como o fazer historiográfico vinha sendo desenvolvida no século XIX, e buscando redimensionar as perspectivas de análise e a abertura de novos temas, fontes, problemas e abordagens de investigação. Todavia, foi na década de 1980, com o fim do Regime Militar, que os questionamentos acerca do ensino de história alcançam seu ponto culminante, buscando com isso, a revalorização da história como área específica do conhecimento.

Neste momento, afastando-se das correntes positivistas e marxistas, os historiadores propuseram uma historiografia que mais se aproximasse da antropologia, sociologia, da cultura e do cotidiano. Essa mudança de paradigmas na história ecoa até os nossos dias, sendo marcada pela interdisciplinaridade, onde a história se mantém em diálogos com as demais áreas do conhecimento. Como consequência a essas mudanças de paradigmas, surgiu discussões voltadas a prática de ensino dessa disciplina escolar.

Com isso, os historiadores chegaram a conclusão de que o ensino tradicional carecia de mudanças. Por muito tempo, o ensino dessa disciplina esteve limitado a fatos políticos, econômicos e sociais, sendo a escola, um mero espaço de reprodução desses conhecimentos. Não apenas os conteúdos estavam sendo questionados, mas também a própria prática do docente foi discutida, assim como sua relação com os alunos. Schmidt nos informa que

A sala de aula não é apenas onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e prática, ensino e pesquisa. (SCHMIDT, 1997, p. 57)

Tendo em vista que o ensino de história possibilita ao docente trabalhar com diferentes linguagens, e que o livro didático não é suficiente para tornar mais abrangente à compreensão dos alunos. Consideramos que a utilização de novas fontes documentais em sala de aula pode contribuir para uma melhora tanto na relação de ensino-aprendizado quanto na própria didática do professor. Schmidt (1997) acredita que o uso de diferentes documentos na escola estimula a observação do aluno, contribuindo para sua reflexão e construção do senso crítico.

Concernente a postura dos historiadores frente ao documento histórico. Onde este passou a ser visto como monumento, sendo com isso, alvo de críticas e investigações. Os documentos literários e artísticos, ao serem interpretados pelo historiador apresentam uma complexidade ainda maior. Pois tratam do fenômeno da representação, isto é, da imitação da realidade (*mimeses*), podendo sugerir aos leitores a impressão de realidade no texto, em especial, quando a sua natureza faz referência aos romances realistas e crônicas.

Para não voltar a posições reducionistas que encaravam o texto literário como mediação real do passado, é fundamental como diz Sevcenko (1983) mantermos uma postura firme quanto às exigências metodológicas. Essa postura é essencial para que possamos entender os significados da obra literária, realizando uma operação de interpretação que articula questões como, o contexto histórico em que vive o escritor, sua posição ideológica, e as opções estéticas do próprio texto, ou seja, os códigos linguísticos e literários que se fazem presente na escrita. Daí Nicolau Sevcenko afirmar

[...] todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo – e é destes que eles falam. Fora de qualquer dúvida: a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e a comover; mas como se pode imaginar uma árvore sem raízes, ou como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo, da natureza do clima e das condições ambientais. (SEVCENKO, 1983, p. 20).

Sendo assim, os documentos não são neutros, afinal, nenhuma produção humana tende ao acaso, mas correspondem a uma visão parcial do mundo, que pode ser determinada por contextos sociais, grupos sociais e relações de poder. O documento literário apresenta dimensões de realidade, e isso faz-nos perceber que essas dimensões não são fixas e homogêneas, pois variam dependendo do lugar social de seus autores, pois a posição que eles ocupam influencia essa mesma realidade. Pois mostram suas perspectivas, desejos de mudança, sentimentos e intenções. E é desta posição particular do escritor junto com a ideia de uma literatura moderna que Sevcenko ressaltou

O estudo da literatura conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica, todavia, preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o proscênio dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que mecanismos de permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com o seu estado real. (SEVCENKO, 1983, p. 20)

Vale destacar aqui, que, na compreensão de um texto literário é preciso que o docente tenha a habilidade de decifrar os recursos de linguagem usados pelo escritor. Entre eles, encontram-se as metáforas, alegorias, efeitos retóricos e a construção de personagens. E são justamente esses elementos fundamentais que permitem perceber as dimensões históricas de um texto.

Propondo trabalhar com obras literárias no ensino de história. O docente deve chamar a atenção de seus alunos para o fato de que o texto literário, assim como as demais fontes históricas, deve ser alvo de questionamentos. O professor-pesquisador problematizará com seus alunos as seguintes questões: Quem é o autor? Para quem ele está escrevendo? Em que contexto histórico o texto foi produzido? Que verdades tenta produzir? E qual a importância desta obra para os dias atuais? Visando, desta maneira um trabalho interdisciplinar. Desta maneira, asseguramos que a Literatura pode e deve ser utilizada como documento histórico, proporcionando conhecimentos acerca das mudanças e permanências da sociedade de uma época.

O professor de história pode discorrer em sala que os textos literários assim como os históricos são resultados das inquietações de uma época. Nicolau Sevcenko (1983) em seu estudo da transição do século XIX para o século XX, na Primeira República Brasileira, ressalta que as mudanças dentro de diferentes aspectos sociais estão registradas nas obras literárias.

As propostas curriculares concernentes ao ensino de história abordam a necessidade de um ensino que vise o mundo cultural dos alunos, problematizando temáticas que levem o conhecimento passado em sala a adquirir redes de significados para esse alunado, a fim de serem formados cidadãos críticos. Além disso, é importante manter essa abordagem de ensino atualizada com as tendências historiográficas recentes, as quais remontam à chamada Escola dos Annales. Segundo Azevedo e Stamatto (2010), o movimento dos Annales surgiu com a intenção de superar a influência positivista nas pesquisas históricas. Para isso, abriu o campo da História para o estudo de atividades humanas até então pouco exploradas. E destacando-se, entre outros assuntos, nas investigações dos métodos interdisciplinares.

O trabalho interdisciplinar que destacamos nesta pesquisa, não propõe a dissolução das disciplinas escolares, mas a existência da interdisciplinaridade. Isso quer dizer que, o trabalho nas escolas passa a ser realizado, tendo em vista, a colaboração entre diferentes conhecimentos, conceitos, pessoas e métodos. As disciplinas passam a dialogar em uma relação de interdependência – pois não perdem suas especificidades – e complementaridade.

Trabalhando desta maneira, o profissional de história possibilita por meio da relação entre história e literatura, um espaço privilegiado para a produção do saber histórico escolar. Trazendo com isso, a contribuição de André Chervel (1990), destacada na década de oitenta, ao defender a configuração de um saber próprio da escola. Afirmando o caráter criativo do sistema escolar e criticando a concepção de escola como puro e simples agente de transmissão.

Inicialmente, muitos professores da área de história sentir-se-iam desconfiados e receosos em trabalhar com textos literários como recursos didáticos. Pensando nesta questão, destacamos algumas vantagens para a utilização destes recursos. Considerando que muitos de nossos alunos desprezam o ato da leitura, e que a História, por sua vez, é uma disciplina que necessariamente exige leitura para sua compreensão, queremos destacar que o uso de obras literárias em sala

despertaria o gosto pela leitura, ampliando com isso, os horizontes e valorizando a literatura.

Tendo em vista, que no processo de ensino-aprendizagem os instrumentos didáticos lúdicos adquirem enorme significado e estimulam no desenvolvimento cognitivo de crianças, jovens e até mesmo idosos. As obras literárias podem ser utilizadas pelo docente como instrumento lúdico para o ensino de história. Gerando criatividade e conhecimento através do divertimento.

Outra vantagem de sua utilização encontra-se na aquisição de uma grande quantidade de informações referente a certo período histórico. A partir da narrativa literária, o discente perceberá como se dava as relações de poder entre as pessoas de níveis sociais diferentes. Saberá informar, dependendo do texto, os aspectos econômicos e políticos da época. Falará sobre o imaginário da sociedade, ressaltando características religiosas, míticas. Assim, sua utilização levará a obtenção de tamanho conhecimento histórico.

Sabendo que o texto literário, tal como as demais fontes históricas, carecem de interpretação e deve passar por análise externa e interna. O uso deste recurso em sala desperta no alunado a atenção para a problemática da interpretação de textos. O discente não se torna apenas leitor da obra, mas também um pesquisador, capaz de indagar as minúcias deste fazer literário. As capacidades de problematizar e interpretar textos podem e devem ser desenvolvidas na sala de aula. E o ensino de história é a peça chave. Formar cidadãos críticos e atentos ao mundo que os cerca.

Quando o professor dinamiza a prática de ensino e oferece a seus alunos diversidades de fontes, acaba democratizando o acesso ao saber. Possibilita o debate e o confronto entre diferentes visões, estimula a compreensão a respeito do complexo conceito de cultura, e traz o aluno a pensar nas experiências históricas.

A incorporação de variadas fontes documentais em sala, fará com que reconheçamos a ligação entre os saberes escolares e a vida social, assim como a necessidade de reconstruirmos os conceitos que temos de ensino e aprendizagem. Por isso, é imprescindível que as metodologias de ensino, sejam na atualidade, alvos constantes de atualização e investigação. (FONSECA, 2003)

5. CONCLUSÃO

O trabalho baseou-se na análise do livro *O Tempo Envelhece Depressa*, pois a partir dele foi possível destacar acontecimentos históricos em parceria com a problemática do tempo e da velhice. Questões complexas, mas que a partir de uma obra literária, percebeu-se possível sua aplicação nas salas de aula de história.

Entendemos com esta pesquisa que as obras literárias são, na realidade, documentos históricos, que servem como recursos didáticos com o objetivo de propiciar conhecimentos sobre as noções da história. Por meio da literatura, o ensino de história pode trabalhar com diferentes temáticas, entre elas, a velhice, a memória e o tempo - conceitos que discutimos neste trabalho. Despertando, dessa maneira, o senso crítico do aluno, haja vista que a crítica literária se faz presente na nova abordagem da historiografia.

Trabalhar com conteúdos a partir de diferentes linguagens, é um exercício dinâmico durante as aulas de história. A literatura leva o alunado a percebê-la como denúncia do seu tempo, pois as representações literárias como afirma Sevcenko (1983) são resultados dos fenômenos históricos que se reproduziram no campo das letras, oferecendo modos originais de observar, sentir, nomear, exprimir e compreender. Trata-se de um ensino interdisciplinar. A literatura vai para além dos fatos políticos, econômicos e materiais da sociedade, pois visa o imaginário, as representações culturais de um povo, permitindo enxergarmos pistas, traços, sinais que outras fontes não nos diriam.

Sendo assim, tornou-se perceptível a relevância dos textos literários no ensino de história, uma vez que, encontramos nessas fontes e que também são recursos didáticos, as imagens sensíveis do mundo em que vivemos.

ABSTRACT

This article is a study on literature in History teaching. Therefore, it is based on the literary work *O tempo envelhece depressa (Time grows old quickly)*, by Italian writer Antonio Tabucchi. The proposal is to understand that History teaching can be dynamic and reflective when it dialogues with literature. So, this article's general objective is to show some contributions that the previously mentioned literary work offers to History teaching and also to students' worldview. In this research, we brought concepts such as time, memory and aging. Authors like Halbwachs (2003) and Simson (2000) made possible to discuss what is memory and its current dilemmas. Barros (2011), Reis (1994) and Beauvoir (1990) brought insights about the complex notion of time and aging. Thus, they contributed to enable discuss about

those concepts in History lessons, whether in elementary school or in high school. Research was developed through the reading of literary authors, historians, sociologists and educators. Then, this article is entirely bibliographical and it analyzes conflict between History and literature in historiographical field. It also offers notions of time, memory and aging grounded in the book *O tempo envelhece depressa*. Besides, this research presents education history and its new methods and sources. Among them, literary labor stands out.

Keywords: History teaching. Literature. Interdisciplinarity.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

AZEVEDO, Crislane B. de; STAMATTO, Maria Inês S. Historiografia, processo de ensino-aprendizagem e ensino de História. **Revista Metáfora Educacional**, n. 9, p. 70-89, dez. 2010.

BARROS, José de Assunção. **Tempo e História: revisitando uma discussão conceitual**. vol. 4, n. 1, Belo Horizonte: Editora UniBH, 2011. Disponível em: WWW.unibh.br/revistas/ehum

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. Michelet e a apreensão <total> do passado, In: **As Escolas Históricas**. Tradução de Ana Rabaça. Lisboa: Ed. Europa-América, 1983. p. 82-96.

CHERVEL, A. **História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa**. Teoria & Educação, n. 2, p. 177-229, 1990.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: **Valise de Cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DUBY, Georges. História social e ideologia das sociedades. In: LE GOFF, Jacques; Nora, Pierre (Orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 130-145.

FONSECA, Selma Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p.244-61.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

NOBREGA, Geralda Medeiros. Literatura e história: um diálogo possível. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (org.). **Literatura e estudos culturais**. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2004, p.88.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.30, 2002.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

REICHEL, Heloisa Jochims. Relatos de viagens como fonte histórica para estudos de conflitos étnicos na região platina (séc. XIX). In: VÉSCIO, Luiz Eugênio & SANTOS, Pedro Brum (orgs.). **Literatura e história – perspectivas e convergências**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

REIS, José Carlos. A escola metódica dita “positivista”, In: **A história entre a filosofia e a ciência**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Tempo, história e evasão**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 55-66.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. In: FILHO, Luciano Mendes de Faria (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

STONE, Lawrence. The revival of narrative: reflections on a new old history. In: **The past and the present revisited**. London-New York, 1987.

TABUCCHI, Antonio. **O tempo envelhece depressa**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Veyne, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa: Edições 70, 1983.

SITES

<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/AntonioTabucchi.htm>

<http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=397>